

O Brasil e a capital Fluminense em busca de novas trilhas (1930-1960)

Os reflexos da crise econômica ocorrida em 1929, a ascensão dos fascismos, a II Guerra Mundial e a Guerra Fria foram acontecimentos que alteraram os processos históricos mundiais. Com a crise de 1929, as fraquezas do capitalismo ficaram expostas, e na década de 1930, houve o fortalecimento dos regimes autoritários, com a ascensão do nazi-fascismo e, no caso do Brasil, o Estado Novo, com o governo de Vargas. Após o fim da II Guerra Mundial, com a derrota alemã, os fascismos perderam terreno e dois blocos passaram a disputar a hegemonia política e econômica mundial: o capitalista, liderado pelos Estados Unidos, e o socialista, pela União Soviética, tendo como consequência a Guerra Fria¹.

Entre as décadas de 1930 e 1960, o Brasil passou por algumas modificações decorrentes desses acontecimentos mundiais e de questões políticas internas. A ascensão de Getúlio Vargas, em 1930, ao poder marcou o fim da Primeira República e da política do café com leite², introduzindo no país investimentos na área industrial, com a implantação de indústrias leves e de base. Nesse período, foram criadas a Companhia Siderúrgica Nacional (1941), a Companhia Vale do Rio Doce (1942), a Fábrica Nacional de Motores (1942), a Companhia Hidrelétrica do São Francisco (1945), a Petrobrás (1953), dentre outros empreendimentos. Buscava-se modernizar o Brasil em um momento de reconstrução dos países europeus após a II Guerra, o que favorecia a absorção desse tipo de produção industrial. A classe trabalhadora conquistou alguns direitos importantes como a Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) em 1943; e também vale destacar o alcance nacional e internacional da música brasileira, sucesso nas rádios e em seus auditórios, com destaque para a Rádio Nacional, fundada em 1936³. As iniciativas de expansão industrial, modernização, crescimento e urbanização do país tiveram novo impulso nos anos 1950 durante a presidência de Juscelino Kubistchek (1956-1961)⁴, que imprimiu forte incentivo à indústria de bens de consumo duráveis, como automóveis e eletrodomésticos, construiu Brasília e transferiu a capital do país para a cidade em 1960.

O antigo Estado do Rio de Janeiro e sua capital também se transformaram nesse período, contando com novas obras de urbanização e de infraestrutura na capital, a intensificação das atividades portuárias e o aumento da comunicação com o interior do estado. A força política de Amaral Peixoto se destacava, e foi seguida pela ascensão de Roberto Silveira, desaparecido, prematuramente, em um acidente de helicóptero em 1961⁵. O ambiente cultural niteroiense também merece ser citado: cinema, música, esportes, bailes e praias eram as formas de lazer de muitos cidadãos. Entre os anos 1940 e 1960 era comum escolas e faculdades promoverem esportes como vôlei, futebol, natação, dentre outros. Em geral, após as competições ocorriam os bailes, como os do Clube Central, aonde muitos jovens iam dançar e namorar⁶.

No panorama educacional, destacamos a instalação de novas instituições de ensino superior como a Faculdade Fluminense de Medicina Veterinária (1936), Faculdade de Ciências Econômicas (1942), Faculdade de Enfermagem

1 DORIGO, Gianpaolo; VICENTINO, Cláudio. História Geral e do Brasil. São Paulo: Scipione, 2005. p. 379-589.

2 Cabe destacar a continuidade da fragilidade da política e da democracia no país. Após governar de 1930 a 1936, Vargas instaurou uma ditadura entre 1937 até 1945. De 1946 até 1951, a presidência esteve com Eurico Gaspar, retornando a Vargas em 1951, agora eleito nas urnas. Governou até 1954, quando se suicidou. Em seu lugar assumiu Café Filho (1954-1955), seguido por JK (1956-1961). Cf. DORIGO; VICENTINO, 2005, p. 379-589.

3 SAROLDI, Luiz Carlos; MOREIRA, Sonia Virginia. Rádio Nacional: o Brasil em sintonia. Rio de Janeiro: Funarte, 1984.

4 O slogan do governo JK era “50 Anos em 5” e visou ser um marco de modernização. Cf. DORIGO; VICENTINO, 2005, p. 379-589.

5 SOARES, Emmanuel de B. Macedo de. História política do Estado do Rio de Janeiro (1889-1975). Niterói: Imprensa Oficial, 1987. p. 64.

6 SERVULO, Caio. A Glória dos Clubes Niteroienses. [2012?]. Disponível em: <<http://onictheroy.blogspot.com.br/2010/06/gloria-dos-clubes-niteroienses.html>>. Acesso em: 15 abr. 2013.

do Estado do Rio de Janeiro (1944), Escola de Serviço Social de Niterói (1945), Faculdade Fluminense de Filosofia (1947) e Faculdade Fluminense de Engenharia (1952)⁷. Essas unidades de ensino somadas às já existentes Faculdade de Direito, Faculdade de Farmácia e Odontologia e Faculdade Fluminense de Medicina foram federalizadas em 1960, dando origem à Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Uferj)⁸. Nesse processo de luta para que Niterói tivesse uma universidade federal, destacaram-se, além de políticos e professores, também o movimento estudantil fluminense, já muito atuante no período; por intermédio da União Fluminense de Estudantes que se empenhou para tal conquista pela atuação efetiva nas tribunas e por atos em prol da universidade.

Destaca-se, contudo, que durante esse período, Niterói passou também por problemas típicos de uma cidade em crescimento, como a pobreza e a favelização. Outros fatos a serem identificados nessa contextualização são o engajamento da população nas lutas contra a péssima qualidade do serviço hidroviário em 1959, episódio conhecido como “Quebra-quebra das Barcas”⁹, e o trágico incêndio do circo em 1961, que vitimou muitas vidas¹⁰.

URBANIZAÇÃO E MODERNIZAÇÃO DO PERÍODO EM NITERÓI

Quando Getúlio Vargas chegou ao poder em 1930, Niterói experimentava outro momento de modernização, saneamento e urbanização agora promovido pela gestão do governador Feliciano Sodré (1923-1927). Com o fim da Primeira República, as obras de remodelação de áreas da cidade ficaram paradas, só sendo reiniciadas a partir da administração do prefeito Júlio Cesar de Noronha (1931), quando adiantou-se a duplicação da adutora da Serra de Friburgo e concluiu-se o Aterro de São Lourenço¹¹, a Rua Jansen de Melo e a remodelação da Praça Arariboia.

A segunda adutora de água da cidade foi inaugurada em 1932, época em que foram calçadas várias ruas do Centro, do Ingá e de Icaraí. Também foram iniciadas a pavimentação da Avenida Feliciano Sodré, a ampliação do Cemitério do Maruí e a concorrência para a construção do mercado municipal¹². Esse ritmo de modernização vivida pela capital fluminense desde os anos 1910 ganhara novos impulsos nos anos 1920 e voltou com força durante o Estado Novo (1937-1945).

Em 1937, o interventor Amaral Peixoto nomeou Brandão Junior para prefeito de Niterói (1937-1945). Ele já fora prefeito em 1935, e durante o Estado Novo, concluiu inúmeras obras na cidade, como o mercado municipal que servia como entreposto de frutas e legumes que vinham tanto dos grandes mercados do Rio de Janeiro quanto do interior, localizado nas proximidades do porto e da linha férrea em São Lourenço¹³, e que gerava empregos para muitos trabalhadores que migravam do interior para a capital. Nesse período foi ampliada a rede de água e esgotos de todos os bairros existentes até então e iniciadas as obras dos hospitais Antônio Pedro, Azevedo Lima e do Centro de Saúde de São Lourenço. Também foram abertas a Avenida Amaral Peixoto no Centro da cidade e a Rodovia Amaral Peixoto (RJ 104), ligando Niterói à Região dos Lagos¹⁴.

O plano de reurbanização da capital também incluiu a incorporação e urbanização do bairro de São Francisco, onde a Prefeitura canalizou rios e aterrou pântanos. Todo esse investimento fez de Niterói a cidade com o maior crescimento durante o Estado Novo¹⁵.

7 VIEIRA, J. Ribas. A Universidade Federal Fluminense: de um projeto adiado a sua consolidação institucional, subsídios para uma interpretação. Niterói: UFF, CEUFF, 1985. p. 28-29.

8 Também foram federalizadas e compuseram a Uferj: A Faculdade de Direito de Niterói, a Faculdade Fluminense de Medicina e a Faculdade de Farmácia e Odontologia do Estado do Rio de Janeiro. Cf. VIEIRA, 1985, p. 28-29.

9 IDENTIDADES DO RIO. Migração e Imigração: O caso Niterói (1888-1950). Disponível em: <<http://www.pensario.uff.br/video/migracao-imigracao-caso-de-niteroi-18881950.html>>. Acesso em: 16 abr. 2013.

10 BLOG DE NITERÓI. Incêndio do Circo de Niterói (1961). Disponível em: <<http://nitsites.com.br/blog/incendio-circo/.html>>. Acesso em: 16 abr. 2013.

11 SOARES, Emmanuel de B. Macedo de. A prefeitura e os prefeitos de Niterói. Niterói: Êxito, 1992. p. 55.

12 SOARES, 1992, p. 121-122.

13 SOARES, 1992, p. 125-127.

14 SOARES, 1992, p. 125-127.

15 SOARES, 1992, p. 126.

Nos anos que se seguiram até 1960, Niterói passaria por transformações urbanas de menor intensidade, mas cabe registrar a inauguração da Avenida do Contorno em 1960, como uma alternativa para ligação para o Barreto e São Gonçalo. Essa obra modificou bastante a área portuária e o Barreto que começavam a sofrer os primeiros impactos da crise de suas atividades econômicas no início da década de 1960, fato intensificado a partir dos anos 1970¹⁶.

O PROCESSO POLÍTICO NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO ENTRE 1930 E 1954 – A FORÇA DO AMARALISMO

A chegada de Getúlio Vargas ao poder, em 1930, inaugura um período de 17 anos de interventorias nos governos estaduais, que, em geral, tiveram rápidas passagens pelo Palácio do Inghá. Só nos primeiros sete anos do governo Vargas passaram pelo governo fluminense os seguintes interventores: Demócrito Barbosa, Plínio Casado, Mena Barreto, Ari Parreiras, Protógenes Guimarães e Heitor Collet. Todos enfrentaram dificuldades financeiras oriundas da conjuntura da época, além de disputas políticas entre lideranças, fatos que criavam obstáculos para a emergência de um líder político consensual no plano estadual. Tal situação se modificaria nos anos que se seguiram, durante o Estado Novo, quando a capital fluminense foi assumida por Ernani do Amaral Peixoto, interventor federal (1937-1945) e governador eleito entre 1951 e 1955¹⁷.

Amaral Peixoto nasceu no Estado do Rio de Janeiro. Era soldado e, a princípio, alheio às competições políticas. Governou inicialmente por oito anos, desenvolvendo várias frentes de trabalho e promovendo um governo sem precedentes no Estado do Rio de Janeiro, embora a II Guerra Mundial tenha prejudicado alguns de seus projetos. Atingiu metas econômicas importantes, realizando obras de vulto tanto na capital fluminense quanto no interior, como a Hidrelétrica de Macabu, em 1943¹⁸. Inaugurou escolas em diferentes locais do estado, modernizou e urbanizou Niterói, incorporando bairros e expandindo a cidade rumo à Região Oceânica. Implementou diversas ações sociais que necessitavam de profissionais para atuar nessa área, e é importante destacar que em 1945 criou a Escola de Serviço Social de Niterói¹⁹. As obras do Hospital Antônio Pedro também foram iniciadas durante esse período. Com isso, Amaral Peixoto conquistou enorme popularidade e, ao findar o Estado Novo, ainda dispunha de grande força política em todo o estado.

A despeito de seu poder político, o presidente Dutra optou por não aceitar a candidatura de Amaral Peixoto ao governo do estado, e com o apoio deste, aprovou o nome de Edmundo de Macedo Soares e Silva, ministro da Viação e idealizador da Usina Siderúrgica de Volta Redonda, que deu prosseguimento aos programas e realizações do antigo governo. A inauguração do Hospital Municipal Antônio Pedro, o início das obras para a abertura da rodovia do contorno da Guanabara por Magé, a pavimentação da Rodovia Niterói – Campos dos Goytacazes, a valorização da agricultura e do homem do campo, assim como a ampliação da rede de ensino no estado, foram os destaques desse período²⁰.

Em 1951, Amaral Peixoto voltou ao governo do estado para um mandato de quatro anos, com 75% dos votos. Getúlio Vargas reassumia a Presidência da República e, desta forma, o Partido Social Democrático (PSD) recuperou terreno no estado, onde o chamado pessedismo era muito forte²¹.

16 VASCONCELLOS, Lélia. Três momentos de um lugar: da enseada de São Lourenço à cabeceira Norte da ponte Rio-Niterói. SHCU 1990 –, Rio de Janeiro, ANPUR, v.5, n. 3, p.4, 1998. Disponível em: <<http://www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/view/598/574>>.

17 FERNANDES, Rui Aniceto Nascimento. Historiografia e identidade Fluminense: a escrita da História e os usos do passado no Estado do Rio de Janeiro entre as décadas de 1930 e 1950. Tese (Programa de Pós-graduação em História Social) Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2009.

18 SOARES, Emmanuel de B. Macedo de. História política do Estado do Rio de Janeiro (1889-1975). Niterói: Imprensa Oficial, 1987. (Especial Biblioteca de Estudos Fluminenses, n.1). p. 64.

19 HONORATO, Cezar Teixeira. A interventoria Amaral Peixoto no Estado do Rio de Janeiro e as Políticas Sociais (1938/45): pequeno ensaio de interpretação. In: CORTE, Andrea Telo. (Org.). Amaral Peixoto: história, memória, política. 1. ed., Niterói: Funarj, Imprensa Oficial, 2012. p. 51-82.

20 SOARES, 1987, p. 67.

21 PANTOJA, Sílvia. As raízes do pessedismo fluminense: a política do interventor 1937-1945. Rio de Janeiro: CPDOC, 1992. p. 34-69.

A pequena oposição se concentrou em Niterói, por intermédio de Brígido Tinoco e José Carlos Pereira Pinto, mas, mesmo assim, os amaralistas elegeram o sucessor Miguel Couto Filho para o Palácio do Ingá²².

22 SOARES, 1987, p. 68.

O PROCESSO POLÍTICO ENTRE 1955 E 1961. A ASCENSÃO DE ROBERTO SILVEIRA

O governador Miguel Couto rompeu com Amaral Peixoto ainda nos primeiros anos de seu governo, deixando o cargo de governador em 1958 e lançando-se candidato ao senado, contra Amaral Peixoto²³, saindo-se vencedor. Politicamente isolado, Amaral Peixoto segue para Washington como embaixador, mas já sem forças suficientes para eleger Getúlio Moura, seu candidato ao Palácio do Ingá, contra o vencedor Roberto Silveira, apoiado por Miguel Couto.

23 Em seu lugar assumiu o campista Togo de Barros, uma vez que o então vice-governador Roberto Silveira foi lançado candidato às eleições daquele ano. Cf. SOARES, 1987, p. 69.

Roberto Silveira se tornara o herdeiro do populismo naquela conjuntura. De origem humilde, o governador eleito nasceu em Bom Jesus do Itabapoana, no norte do estado. Estudou em escola pública e cursou Direito na Faculdade de Niterói. Eleito, enfrentou algumas campanhas de oposição que buscaram, em vão, incompatibilizá-lo com as massas populares. Governou apenas por dois anos devido à sua morte prematura, em fevereiro de 1961, após sofrer um acidente de helicóptero quando verificava a situação dos municípios ao norte do estado, que enfrentavam enchentes. Sua morte causou comoção local e nacional, e seu cortejo fúnebre cruzou a cidade²⁴.

24 SOARES, 1992, p. 70.

NOVIDADES NO PANORAMA CULTURAL E EDUCACIONAL DA CAPITAL FLUMINENSE

O panorama cultural niteroiense fervilhou durante as décadas de 1930 e 1960. A população da cidade frequentava espaços de sociabilidade e lazer com destaque para os bares, os cinemas, os bailes musicais, as praias e as competições estudantis. O Centro da cidade reunia, ainda nos anos 1930, bares e leiterias onde muitos se reuniam para discutir o cotidiano político e cultural da cidade²⁵. Com o passar dos anos, esse costume foi se modificando, o que em parte pode ser explicado pela abertura de novas ruas e a consequente demolição de tais locais, como no caso da abertura da Avenida Amaral Peixoto, na década de 1940. Destacamos, porém, que essas mudanças caminharam juntas com o sucesso de outros programas culturais, dentre eles, o cinema.

25 WEHRS, Carlos. Niterói, cidade sorriso: a história de um lugar. Rio de Janeiro: [s.n.], 1984. p. 305-317.

Embora já existissem algumas salas de cinema na cidade em décadas anteriores, nos anos 1940 as pessoas passaram a frequentá-las mais, seja para buscar notícias da II Guerra Mundial ou para assistir aos principais melodramas da época e filmes da juventude. Os principais cinemas eram o Odeon, Cinema Éden, Rio Branco, Imperial, Royal, do Rink e Icaraí²⁶. Niterói também dispunha de duas estações de rádio: Rádio Sociedade Fluminense, propriedade de Eduardo Luis Gomes Filho²⁷ e Rádio Club Fluminense; assim como os jornais O Fluminense, Diário da Manhã e O Estado, diários jornalísticos de grande importância para o período em Niterói²⁸.

26 Gradativamente, as salas chegaram a outros bairros como a Santa Rosa, o Cinema Mandaro, e ao Barreto, o Cinema São Jorge. Cf. WEHRS, 1984, p. 305-317.

27 WEHRS, 1984, p. 305-317.

28 WEHRS, 1984, p. 305-317.

As praias eram outros importantes locais de lazer, reunindo famílias inteiras nos feriados e fins de semana. A Praia de Icaraí era a mais frequentada da Zona Sul, tendo como atrações o trampolim e a contemplação do relógio do cassino²⁹. Nessa época, as praias da Região Oceânica eram semidesertas e ocupadas por pequenas vilas de pescadores, e as da Zona Norte, como a Praia

29 WEHRS, 1984, p. 305-317.

do Barreto, ainda eram apropriadas para o banho.

Os bailes e competições desportivas ocorriam em algumas associações, clubes, faculdades e escolas, em vários pontos da cidade. Na Zona Norte, destacamos o Clube Humaitá e o Combinado 5 de Julho, ambos no Barreto, que, além de competições desportivas, realizavam bailes. No Fonseca, o Clube Marajoara, e na Ilha da Conceição, o Luzitano, eram opções. No Centro, o destaque ficava por conta do Club Mimoso Manacá. Embora fundado em 1920, foi nas cinco décadas seguintes que se tornou a mais conhecida e frequentada casa de bailes populares tipo “arrasta pé”, que ficava na Rua São João³⁰. Na Zona Sul, o Clube Central concentrava inúmeros jovens que participavam de competições esportivas como futebol, remo, voleibol e natação. Moças e rapazes frequentavam o clube, e ao final das atividades ocorriam os bailes, momento propício para paquerar e namorar³¹. Outra modalidade esportiva que fez sucesso na cidade foi o jogo de malha, realizado nos quintais de casa ou em áreas de lazer perto de casa com os amigos³². Por fim, cabe citar que escolas e faculdades realizavam e participavam de eventos esportivos, com equipes compostas por alunos e alunas. A Faculdade Fluminense de Filosofia, por exemplo, foi campeã de voleibol na década de 1950 e a Escola Fluminense de Engenharia também tinha estudantes ativos nas competições desportivas e em festividades, como é o caso da famosa Festa da Betoneira³³, que era um baile realizado todo semestre pelos estudantes da Escola Fluminense de Engenharia pelo Diretório Acadêmico Octavio Catanhede.

Entre os anos 1940 e 1970, o carnaval de rua era muito forte em Niterói, e bairros como o Barreto, Centro e Icaraí reuniam foliões animados que festejavam fantasiados em grupos e blocos, tanto nas ruas, nos bondes quanto nas praias. Pode-se destacar o surgimento das escolas de samba Unidos do Viradouro em 1946³⁴ e Acadêmicos do Cubango em 1959³⁵ durante esse período, que se somaram as já existentes Combinado do Amor e Sabiá, além de outras pequenas agremiações de bairro, chamadas de blocos ou academias.

Outro destaque do período foi a educação, um setor que ganhou no Brasil incentivo a partir dos anos 30. No Estado Novo, o ensino foi uma das ferramentas para a difusão do nacionalismo e para a formação de mão de obra qualificada para o mercado de trabalho. Desta forma, o ensino primário ganhou força, com a abertura de grupos escolares, não só nas capitais, mas também em algumas cidades do interior, mas deve-se destacar que esse incremento na área educacional fazia parte das estratégias do presidente Vargas para ter apoio, sobretudo das classes populares, e garantir a formação de mão de obra para os setores industriais em desenvolvimento, e não para dar às classes populares uma educação emancipatória.

O governo estadual fluminense seguiu de perto a política varguista e criou a Secretaria de Educação e Saúde em 1938, responsável por melhorar os problemas relativos à necessidade de educar o homem do campo e de torná-lo um aliado para o engrandecimento do país, dentre outras finalidades. Foram criadas as escolas rurais no interior do estado com o objetivo de fixar o homem no campo, incentivando o amor dessa população pelo país e por seu habitat³⁶. Com isso, esperava-se diminuir o processo de migração de pessoas do interior em busca de melhores condições de vida e promover o bem-estar da população nas cidades do interior. Para efetivação de tal propósito, se fazia necessário que as escolas adotassem um padrão pedagógico adequado a esses fins e que estivesse preparada para lidar com esse público.

Durante a década de 1940 e 1950 esse modelo de atuação socioeducacional

30 WEHRS, 1984, p. 305-317.

31 SERVULO, Caio. A Glória dos Clubes Niteroienses. [2012?]. Disponível em: <<http://onictheroy.blogspot.com.br/2010/06/ gloria-dos-clubes-niteroienses.html>>. Acesso em: 15 abr. 2013.

32 Informação verbal fornecida por Paulo Silveira, morador de Niterói desde os anos 40. Seu pai foi vendedor de frutas na cidade e chegou a Niterói, vindo do interior do estado, nos anos 1930. Registro realizado por Leandro Manhães Silveira, em 14 abr. 2013.

33 UFF. Projeto Memória e Informação. Históricos da Faculdade Fluminense de Filosofia e da Escola de Engenharia Fluminense, 2012.

34 HISTÓRIA do GRES Unidos do Viradouro. [2012?]. Disponível em: <<http://www.gresviradouro.com.br/.html>>. Acesso em: 15 abr. 2013.

35 HISTÓRIA do GRES Acadêmicos do Cubango, [2012?].

36 FERNANDES, 2009, p. 131.

ganhou força no estado. Os estudos de geografia e estudos fluminenses viraram matérias obrigatórias para aqueles que atuavam nessas frentes, seja como políticos ou como professores. A necessidade de incrementar o serviço público de saúde, de combater a favelização e de pensar alternativas para os problemas socioeconômicos³⁷ também se apresentam nesse período, tendo em vista o crescimento populacional e a intensificação de questões sociais decorrentes da pobreza.

Não é por acaso que, no período entre 1936 e 1952, foram elaboradas e concretizadas iniciativas para fundar em Niterói algumas importantes faculdades que trabalhavam diretamente com essas questões, quais sejam: Escola Fluminense de Medicina Veterinária (1936), Faculdade de Economia (1942), Faculdade de Enfermagem do Estado do Rio de Janeiro (1944), Escola de Serviço Social de Niterói (1945), Faculdade de Filosofia (1947) e Escola Fluminense de Engenharia (1952).

Essas faculdades dialogavam com as iniciativas e projetos do governo estadual, seja em atividades de interiorização e vacinações, como na oferta de estagiários aos hospitais e centros de saúde da capital, na formação de professores que atuavam nas diversas escolas da capital e do interior³⁸, assistentes sociais, e na discussão e operacionalização de alternativas que pudessem voltar a alavancar a economia fluminense.

QUESTÕES SOCIAIS DO PERÍODO

Torna-se importante salientar as mudanças no perfil populacional de alguns centros urbanos como Niterói, uma vez que o processo de urbanização continuou atraindo pessoas de cidades interioranas e de outros estados, que migravam em busca de melhores condições de vida, e que ao se deparar com a realidade dura do trabalho ou do desemprego, se viam sem alternativas e tendo de morar em condições bastante adversas. O aumento da favelização nos grandes centros urbanos já estava bastante visível entre os anos de 1945 e 1964, exigindo, portanto, medidas por parte do poder público³⁹.

No sentido de enfrentar o problema, o governo criou a Legião Brasileira de Assistência e a Fundação Leão XIII em 1945 e 1946, respectivamente, e que tinham como propósito a inclusão dos desvalidos na sociedade e no mercado de trabalho, visando a reintegrá-los e ressocializá-los⁴⁰. Assim, o governo buscava minimizar a questão, incentivando ações nas favelas, “combatidas” por serem interpretadas como o lugar do perigo e da marginalidade. Esse trabalho era desenvolvido pelos assistentes sociais e pelas missões ligadas à filantropia católica, ganhando grande destaque nessa época.

37 HONORATO, Cezar. O assistente social e as favelas (1945/64). In: MELLO, Marco Antonio da Silva. Favelas cariocas: ontem e hoje. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. parte 1, p.141-168.

38 UFF. Arquivo Permanente. Fundo Uferj. Clipping noticiário sobre a História da Faculdade Fluminense de Filosofia.

39 HONORATO, 2012.

40 HONORATO, 2012.

Referências

- BLOG DE NITERÓI. Incêndio do Circo de Niterói (1961). Disponível em: <<http://nitsites.com.br/blog/incendio-circo/>>. Acesso em: 16 abr. 2013.
- DORIGO, Gianpaolo; VICENTINO, Cláudio. História Geral e do Brasil. São Paulo: Scipione, 2005.
- FERNANDES, Rui Aniceto Nascimento. Historiografia e identidade Fluminense: a escrita da História e os usos do passado no Estado do Rio de Janeiro entre as décadas de 1930 e 1950. Tese (Programa de Pós-graduação em História Social) Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2009.
- HISTÓRIA do GRES Acadêmicos do Cubango. [2012?]. Disponível em: <<http://www.academicosdocubango.com.br/>>. Acesso em: 15 abr. 2013.
- HISTÓRIA do GRES Unidos do Viradouro. [2012?]. Disponível em: <<http://www.gresviradouro.com.br/>>. Acesso em: 15 abr. 2013.
- HONORATO, Cezar. O assistente social e as favelas (1945/64). In: MELLO, Marco Antonio da Silva. Favelas cariocas: ontem e hoje. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. parte 1, p.141-168.
- _____. A interventoria Amaral Peixoto no Estado do Rio de Janeiro e as Políticas Sociais (1938/45): pequeno ensaio de interpretação. In: CORTE, Andrea Telo. (Org.). Amaral Peixoto: história, memória, política. 1. ed., Niterói: Funarj, Imprensa Oficial, 2012.
- IDENTIDADES DO RIO. Migração e Imigração: o caso Niterói (1888-1950). [2012?]. Disponível em: <<http://www.pensario.uff.br/video/migracao-imigracao-caso-de-niteroi-18881950.html>>. Acesso em: 12 abr. 2013
- PANTOJA, Silvia. As raízes do pessedismo fluminense: a política do interventor 1937-1945. Rio de Janeiro: CPDOC, 1992. p. 34-69.
- SAROLDI, Luiz Carlos; MOREIRA, Sonia Virginia. Rádio Nacional: o Brasil em sintonia. Rio de Janeiro: Funarte, 1984.
- SERVOLO, Caio. A Glória dos Clubes Niteroienses. [2012?]. Disponível em <<http://onictheroy.blogspot.com.br/2010/06/gloria-dos-clubes-niteroienses.html>>. Acesso em: 15 abr. 2013.
- SOARES, Emmanuel de B. Macedo de. História política do Estado do Rio de Janeiro (1889-1975). Niterói: Imprensa Oficial, 1987. (Especial Biblioteca de Estudos Fluminenses, n.1).
- _____. A prefeitura e os prefeitos de Niterói. Niterói: Êxito, 1992.
- UFF. Arquivo Permanente. Fundo Uferj. Clipping noticiário sobre a História da Faculdade Fluminense de Filosofia.
- UFF. Arquivo Permanente. Fundo Uferj. Clipping noticiário sobre a História da Faculdade Fluminense de Filosofia.
- UFF. Projeto Memória e Informação. Históricos da Faculdade Fluminense de Filosofia e da Escola de Engenharia Fluminense, 2012.
- VASCONCELLOS, Lélia. Três momentos de um lugar: da enseada de São Lourenço à cabeceira Norte da ponte Rio-Niterói. SHCU 1990 – , Rio de Janeiro, ANPUR, v.5, n. 3, p.4, 1998. Disponível em:<<http://www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/shcu/article/view/598/574>>.
- VIEIRA, J. Ribas. A Universidade Federal Fluminense: de um projeto adiado a sua consolidação institucional, subsídios para uma interpretação. Niterói: UFF, CEUFF, 1985. 90 p.
- WEHRS, Carlos. Niterói, cidade sorriso: a história de um lugar. Rio de Janeiro: [s.n.], 1984.